

LEITURA: AÇÃO FORMADORA, (TRANS) FORMADORA E (DE) FORMADORA

Mestre Ana Cláudia RAMOS (Faculdade Catuaí)³³

RESUMO: O presente artigo aborda a leitura enquanto ação transformadora do sujeito. Sabemos da importância da leitura para o processo de construção da realidade e do conhecimento. Contudo, porque a leitura trespassa qualquer experiência humana e para a sua produção, por sua vez, demanda a curiosidade, espontânea ou estimulada por outros, do sujeito face ao objeto a ser (re) conhecido, o modo como aprendeu a ler pode instigá-lo ou não a ações transformadoras pessoais e em seu entorno. Portanto, algumas práticas de leitura podem gerar efeitos formadores, transformadores e (de) formadores na formação do sujeito.

Palavras-chave: Leitura; formação; subjetividade.

³³ anaclaudiaramos77@gmail.com - O artigo apresentado refere-se a uma subseção e fragmentos da dissertação RAMOS, Ana Cláudia. Contação de histórias: um caminho para a formação de leitores? Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Londrina, 2011.

INTRODUÇÃO

No contexto educativo, a aprendizagem da leitura assume um peso significativo e, por vezes, determinante no sucesso ou fracasso do aluno. Formar alunos leitores em se constituído em uma preocupação constante no campo educacional, uma vez que a leitura é fundamental para a inserção do ser humano nas sociedades atuais (GIMENO SACRISTAN, 2008). O ato de ler favorece ao leitor o acesso a informações, de distintos campos, bem como pode favorecer o desenvolvimento da criticidade, levando-o a assumir posições condignas ao pleno exercício da sua cidadania, porque é capaz de aprender a aprender continuamente, bem como de aprender a viver junto. (TEDESCO, 2011).

Quando pensamos sobre leitura, logo nos vem à mente o livro. Pensar leitura é, quase sempre, pensar em códigos linguísticos de um texto literário ou não, mas sabemos, entretanto, que a leitura vai muito além da simples decodificação dos elementos escritos da língua materna. Não descartamos, porém, o grande mérito da leitura de livros em sala de aula, realizadas com o intuito de formar “bons leitores”. Todavia, deveríamos atentar para a formação que ultrapassa o domínio da linguagem oral e escrita.

Classificar um sujeito como bom ou mau leitor é, não só arriscado, como passível de excluirmos alguém, visto que qualquer pessoa perante um objeto realiza uma leitura. Passamos o tempo todo fazendo leituras e, independentemente de como a realizamos, sempre (re) produzimos os efeitos de nossa experiência no campo simbólico que as práticas sociais nos permitem adentrar. Porém, como professores, somos frequentemente solicitados a qualificar os alunos: respondemos segundo nossa concepção de bom e mau leitor. Ao fazê-lo demonstramos a nossa concepção de leitura, das competências que consideramos necessárias para produzi-la. No nosso caso, considerando um bom leitor aquele que interage com diferentes textos e contextos,



sendo fluente e crítico. Cabe, entretanto, analisar como vem sendo concebida a formação de aluno leitor.

DESENVOLVIMENTO

Iniciaremos com alguns apontamentos sobre o uso social dos termos: formar, leitor e leitura. Houaiss (2009) em seu dicionário epistemológico, apresenta as seguintes definições: **Formar**, lat. *fórmó,as,ávi,átum,áre* 'dar forma, formar, conformar; arranjar, organizar, regular; modelar, instruir; dar certa disposição ao espírito; confeccionar; (fig.) criar, produzir'. **Leitor**, lat. *lector,óris* 'o que lê'; **Leitura**, lat. *medv. lectura*, do rad. do supn. do v. *legere* 'reunir', ação ou efeito de ler, ato de apreender o conteúdo de um texto escrito, ato de ler em voz alta, hábito de ler, maneira de compreender, de interpretar um texto, uma mensagem, um acontecimento.

Assim sendo, podemos entender que, segundo a nossa tradição simbólica, formar leitores é conduzir as pessoas, arranjando e organizando situações para que sejam capazes de ver, conhecer, compreender, aprender o que foi articulado por outrem, por vezes pelo leitor em situações anteriores. Esses comportamentos incluem a participação de diferentes dados sensoriais (visão, tato audição, etc.)

Coelho (2000) elenca como das vantagens do sujeito realizar leituras, especialmente de textos literários, porque estas “estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro [...]”. (COELHO, 2000, p.16).

A leitura é um processo em que o leitor realiza um trabalho ativo na construção de sentidos para o texto, assim ela é definida nos PCN's - Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa - (BRASIL, 2000). Por conseguinte, a leitura não se reduz a decodificações pontuais dos signos (letras, símbolos, imagens, etc.), porque



implica em compreendê-los, visto que alguns sentidos atribuídos ao texto começam a ser constituídos pelo leitor, antes mesmo da sua leitura propriamente dita.

Smolka (1989) caracteriza a leitura como uma atividade humana. Essa atividade pode ser concebida, no sentido psicológico, como sendo um processo dinâmico que em sua realização congrega os efeitos das relações *sócio-interativas* e *individuais-cognitivas*. Portanto, pode-se dizer que a leitura é um processo de interlocução fundada em interações sociais anteriores. Isso porque é no seio das relações cotidianas interindividuais que ocorre a atividade humana, e é no âmbito dessas relações que surgem os signos, sinais e símbolos, sejam eles linguísticos ou não, como instrumentos ou ferramentas que possibilitam futuras interações.

Segundo Smolka (1989) a atividade de leitura não se reduz ao conjunto de atividades das habilidades decodificadoras frente a um texto. Ultrapassa-as como expressão de uma forma de uso da linguagem, que sofre transformações no decorrer da História, a qual marca o indivíduo configurando suas relações sociais.

Podemos, ainda, como nos aponta Larrosa (2002a, p.133), pensar na leitura “como algo que nos forma, (ou nos trans-forma e nos de-forma), como algo que nos constitui ou nos põe em questão naquilo que somos”. Olhar para a leitura e compreendê-la como instrumento/processo formativo imprescindível para o ser humano, exige concebê-la como uma atividade que está diretamente ligada à subjetividade de quem a realiza, isto é, do leitor. Porém, para que tal ocorra é necessário que haja uma relação *íntima* entre o texto e o leitor, de modo que possam acontecer, nessa relação, mudanças em sua subjetividade. Portanto, reconhecer a leitura como uma atividade que vai além da decodificação é entendê-la como um meio eficaz para a aprendizagem e o desenvolvimento individual.

Por essa perspectiva, no momento em que é realizada uma leitura, de um texto literário ou não e, neste caso, por exemplo, uma “leitura de mundo”, necessário se torna que ocorram trocas, algumas delas longamente negociadas, entre o leitor e o *dito* e *não*



dito, isto é, também, do que foi silenciado pelo autor do texto (LARROSA, 2006). Trocas que implicam, muitas das vezes, não em simples informações que possam ser acumuladas, mas em cotejamento de crenças, valores e gostos. Freire (1989) no livro *A importância do ato de ler*, ensina:

[...] o ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE 1989, p. 09).

Os humanos estão o tempo todo fazendo leituras e ao lerem, leem o mundo como este lhes ensinou a ler. Leem palavras, sons, imagens, e neste misto de textos e leituras podem refletir sobre suas ações e sobre o mundo que está em seu entorno. A leitura mais completa é aquela na qual se utilizam todos os sentidos e não somente a razão, porque a “boa leitura” é feita não apenas com o olhar, mas com os sentidos, com o pensamento, com um olhar crítico para o que se vê/ouve/sente. Como assegura Rezende (2007):

[...] há que se ler diferentes códigos, pois as várias leituras complementam-se, interligam-se, permitem ao leitor novas tessituras, que nunca são absolutamente novas... Do que lemos sempre sabemos algo; o que fazemos é complementar, reolhar, redescobrir, acrescentar, duvidar, confirmar [...] (REZENDE 2007, p.6)

A leitura permite integrar o que se lê ao eu, às experiências já vividas, instiga o leitor a expressar sua visão de mundo a partir do que ele concebe, e de si mesmo. Sendo assim, o ato de ler deve ser considerado um processo interativo, no sentido de que os diversos conhecimentos do leitor interagem, a todo o momento, com os oferecidos pelo texto e/ou contexto. Esse tipo de leitura que defendemos propicia ao leitor que se acerque de outros modos de perceber, argumentar e refletir, de ser e de agir, que não



sejam os seus. Sobre a interação entre o sujeito (leitor) e o objeto (texto) oportunizada pela realização da leitura, Foucambert (1994) pondera:

[...] ler é questionar o mundo e ser por ele questionado; é questionar-se a si mesmo. Ler significa também construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é; significa, também, ter condições de questionar o texto escrito e de construir um juízo sobre ele. (FOUCAMBERT, 1994, p.5)

Ao realizar uma leitura o leitor pode mergulhar na obra e emergir a partir dela, quando essa o move e o incita a questionar e a interagir (seus conhecimentos, valores, crenças, atitudes, o que lê). Em assim sendo, pode, então, construir um novo olhar sobre o mundo. A partir do momento em que o indivíduo realiza esse tipo de leitura de um texto, ele, enquanto leitor, é levado a pensar, refletir, interrogar e interpretar sobre aquilo que o texto está lhe dizendo. Há uma interpelação do texto sobre o leitor que o coloca em questão tirando-o de si mesmo e, ocasionalmente, o transforma. Bourdieu (2001) para sublinhar a importância da leitura de um livro afirma, “[...] pode-se transformar a visão do mundo social e, através da visão de mundo, transformar o próprio mundo social.”

O leitor, por sua vez, deixa e imprime suas marcas e suas experiências no texto que lê. Como salienta Kanaan (2002) o leitor, diante de um texto faz-se interlocutor, porque, além de seguir as pistas fornecidas pelo autor do texto, lança tantas outras contribuindo assim para um dos sentidos possíveis do texto. Isso porque “sujeitos e textos são afetados (e transformados) reciprocamente pelo ato da leitura”. (KANANAN 2002, p.132)

Smith (1999) assinala, ainda, para a importância de olharmos a leitura como algo a mais do que é usual, inclusive em contextos escolares. Neste caso, ela não pode se restringir apenas ao campo visual, ao simples reconhecimento dos códigos, mas deverá conferir significação a eles e relacioná-los com todos os conhecimentos prévios,



só assim haverá uma compreensão real da leitura. Para tanto, Smith (1999) faz a seguinte afirmativa:

Para compreender a leitura [...] devem considerar não somente os olhos, mas também os mecanismos da memória e da atenção, a ansiedade, a capacidade de correr riscos, a natureza e os usos da linguagem, a compreensão da fala, as relações interpessoais as diferenças socioculturais, aprendizagem em geral e a aprendizagem das crianças pequenas em particular. (SMITH 1999, p 09).

Não podemos descartar, em geral, a importância que os olhos têm na leitura, uma vez que é através deles que a maioria dos dados chegam ao cérebro, isto é, fornecem a “informação visual”. Esses dados, porém, não são o bastante para que haja a compreensão da leitura. Outras informações são necessárias como o conhecimento da língua em que foi escrito o texto e da sua estrutura; conhecimento, sobre o assunto, ou seja, o conhecimento prévio. Enquanto o cérebro vê, isto é, recebe as informações e as vai associando e organizando com os conhecimentos preexistentes, os olhos somente recebem e por suas terminações nervosa transmitem as informações. Como disse Vieira (2007, p.2) “é no cérebro que está o mundo intrincadamente organizado e internamente consistente, construído como o resultado da experiência e da cultura vivida pelo ser humano”. (VIEIRA 2007, p.02).

Como vimos argumentando a formação por meio da leitura só é possível através da experiência, isto é, pelo “saber da experiência” como aponta Larrosa (2002b). Este autor define experiência como sendo algo que *nos* passa e não *o que* se passa, que *nos* acontece e não *o que* acontece, que *nos* toca e não *o que* toca. Podemos concluir que, no dia a dia, muitas coisas se passam, porém, poucas coisas nos acontecem. Recebemos muita informação, mas raramente permitimos que elas nos modifiquem.

Ao empregar o termo “saber da experiência” Larrosa (2002b) refere-se ao saber no sentido de “sabedoria” e não no sentido de “estar informado”. O saber da experiência



não está fora do sujeito, como está, por exemplo, o conhecimento científico. O saber da experiência é idiossincrático e subjetivo, ligado ao sócio individual e particular.

O homem moderno está cada vez mais distante de seus saberes da experiência, pois poucas vezes o indivíduo os percebem e os conhecem. A falta de tempo no mundo moderno pode justificar, em parte, o distanciamento entre sujeito e a sua experiência. Com relação ao mundo moderno Larrosa (2002b) assinala:

A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio. (LARROSA 2002b, p.23. Grifos nossos).

Sabemos que a conexão entre sujeito e o “saber” da sua experiência é necessária à formação individual, por exemplo, do aluno, mas a velocidade dos acontecimentos e o que ela provoca - a falta de silêncio, de memória e a insatisfação - são obstáculos para que ocorra essa conexão.

Ao entrar em contato com outros saberes, o aluno passa a adquiri-los, como se nascessem do rejuvenescimento dos saberes anteriores. Há um movimento cíclico no que diz respeito à apropriação de conhecimentos, visto que esses nascem e se renovam a todo instante. A leitura é um processo que propicia movimento, fazendo com que os velhos saberes sejam aperfeiçoados pelo “saber da experiência”.

CONCLUSÃO

A leitura é uma atividade que permite (res) significar os saberes por meio da interação que os sujeitos mantem com o texto. Ao debruçar-se sobre um texto o leitor é capaz de mergulhar na linhas e entrelinhas do que é dito e não dito. Ao emergir do



mundo simbólico, o sujeito se forma, ao passar por uma (de) formação e (trans) formação. Deste modo, a subjetividade de quem realiza uma leitura, sofre modificações, muitas vezes, significativas.

As trocas realizadas por meio da leitura, exercidas em um espaço intersubjetivos, propiciam o leitor perceber, argumentar, refletir, ser e agir. Sendo assim, podemos concluir que a leitura nos leva a uma “saber” por meio da experiência, transformando e formando a nossa subjetividade.

REFERÊNCIAS

- BORDIEU, P. A leitura: uma pratica cultural (debate entre Pierre Bordieu e Roger Chartier). In: CHARTIER, R. (org.) **Práticas da leitura**. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. P. 229-254.
- BRASIL. MINISTERIO DA EDUCACAO. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 1a a 4a série**. Brasília: SEF/MEC, 1997.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria analise didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- FREIRE, P. A importância do ato de ler. In: _____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1989.p.11-24.
- FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- GIMENO-SACRISTAN, J. **A educação que ainda é possível**. Ensaio sobre a cultura para a educação. Porto: Portoed, 2008. p. 85-109.
- HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Instituto Antonio Houaiss Objetiva, 2009.
- KANAAN, D A-B. **Escuta e subjetivação: a escritura de pertencimento de Clarice Lispector**. Casa do Psicólogo, 2002.
- LARROSA J. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, M. V. (Org.) **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 2^a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002a. p.133-160.



_____. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista brasileira de educação, Espanha n. 19, p. 20-28, Jan/Fev/Mar/Abr. 2002b.

_____. **Pedagogia profana:** dança piruetas e mascaradas. 4 ed. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

REZENDE, L. A. Leitura na graduação: para apalpar as intimidades do mundo. In:____ (org.) **Leitura e visão de mundo:** peça de um quebra-cabeça. Londrina: EDUEL, 2007. p. 1-11.

SMITH, F. **Leitura significativa.** 3^a ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SMOLKA, A. L. B. A atividade da leitura e o desenvolvimento das crianças. In: SILVA, E. T. da; BORDINI, M. da G.; ZILBERMAN, R. **Leitura e desenvolvimento da linguagem.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989. p. 23-41.

TEDESCO, J.C. Los desafíos de la educación básica en el siglo XXI. **Revista Iberoamericana de Educación,** Madrid. n. 55. p. 31-47, 2011.

VIEIRA, M. C. T. **Leitura significativa:** prazer, dever ou relevância social no ensino superior? CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16, 2007, Campinas. Anais, Campinas, SP: ALB. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais16/sem12pdf/sm12ss06_07.pdf>. Acesso em 17 de julho de 2009.

